

Ainda, a falta de credibilidade governamental

por Getúlio Bittencourt
de Washington

O ministro da Fazenda, Eliseu Resende, saiu satisfeito de seu café da manhã com o diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI). "O senhor Camdessus concordou com todos os conceitos do nosso programa e o pessoal técnico do Fundo não acrescentou um único ponto que nós tivéssemos esquecido", disse ele numa entrevista coletiva.

Camdessus afirmou também que o passo seguinte agora é examinar cada um dos números colocados no programa, e propôs que as duas equipes comessem o trabalho imediatamente. Não há prazo previsto para a conclusão desse processo técnico, e Resende informou que seus oito assessores vão continuar em Washington "pelo tempo necessário".

A conversa entre ambos durou 105 minutos, boa parte deles consumida no estilo de exposição cuidadoso e minucioso do ministro da Fazenda. No encontro de Camdessus com o ministro da Fazenda anterior, Paulo Haddad, no começo deste ano, a conversa durou quarenta minutos. Mas Haddad também não tinha um plano para apresentar.

O diretor-gerente do FMI fez algumas intervenções ao longo da exposição do ministro da Fazenda. Quando Resende observou que a situação do balanço de pagamentos do País é muito positiva, com crescentes reservas em moedas fortes, Camdessus brincou: "Por favor, não diga isso, ministro, senão

os bancos credores vão aparecer aqui dizendo que o Brasil não precisa de ajuda do Fundo para comprar as garantias" (previstas no Plano Brady de redução da dívida externa).

Resende também enfatizou bastante os aspectos positivos da economia brasileira, sua diversificação e amplitude. Camdessus então pediu que o ministro não lhe contasse mais sobre a vitalidade da economia brasileira, e sim sobre os problemas, prometendo: "Vamos trabalhar juntos sobre os problemas".

O diretor-gerente do Fundo falou em sua intervenção sobre os problemas sociais, descreveu a instituição e o seu trabalho anterior com o Brasil.

(Continua na página 21)

O diretor-gerente do FMI, Michel Camdessus, deverá usar a reunião do comitê interino nesta sexta-feira para promover a instituição como órgão de política econômica, aumentando o monitoramento das economias dos países industrializados e agindo como um banco central para os países em desenvolvimento. Nova emissão de Direitos Especiais de Saque também será discutida.

(Ver página 21)

DÍVIDA EXTERNA

Ainda a falta de credibilidade...

por Getúlio Bittencourt
de Washington

(Continuação da 1ª página)

Ele também concordou com Resende que o problema brasileiro está na falta de credibilidade governamental.

As fontes do lado brasileiro que participaram do encontro dizem que a forma que o acordo "stand by" (emergencial) brasileiro tomará caso o Fundo esteja de acordo com os números do programa não foi discutida. O secretário de assuntos internacionais do Ministério da Fazenda, Vande Magalhães, um egresso da Vanderbilt University, disse que o governo quer um acordo com o Fundo pelo restante do mandato do presidente Itamar Franco.

O acordo "stand-by" suspenso em agosto do ano passado vence agora em agosto de 1993. Mas Vande Magalhães argumentou que existem maneiras de contornar essa questão, considerando, por exemplo, que o período em que o programa foi suspenso se-

ria extirpado da contagem de tempo.

Resende afirmou a Camdessus que os números do programa são conservadores. Projetam uma receita de US\$ 72 bilhões para 1993, por meio da simples multiplicação por três da receita obtida nos primeiros quatro meses, acrescentando a receita do imposto sobre operações financeiras (o IPMF) no segundo semestre. Ele estima que existe uma evasão de 30% dos impostos devidos, o que significa que a arrecadação pode alcançar até US\$ 100 bilhões neste ano, mas usou o número existente.

Disse também que a dívida mobiliária interna de US\$ 32 bilhões em poder do público é pequena, representando 8% do Produto Interno Bruto. E explicou que os bancos comerciais brasileiros estão dispostos a adquirir bônus do Banco Central com prazos maiores, de dezoito meses, para substituir os papéis de curto prazo atuais, "paulatinamente". Os novos títulos serão lançados na medida

da capacidade de absorção do mercado, acrescentou.

Em seu relato sobre a dívida externa, Resende disse que só falta concluir as conversas com três (Itália, Suíça, Holanda) dos treze credores oficiais do Clube de Paris. Previu que em poucas semanas esses acordos bilaterais que faltam estarão concluídos.

Quanto ao acordo pelo Plano Brady com os bancos credores, o ministro voltou a elogiar seus termos, lembrando que o principal será pago em 2023, e pelo resto deste século o País pagará juros a seu ver inferiores aos de mercado. Outro ponto que ele destacou para Camdessus é que a conclusão do acordo permitirá a conciliação das contas do Banco Central com o Tesouro da União, abrindo caminho para a futura independência do Banco Central.

O diretor-gerente do FMI diria no final da exposição, segundo recordou o ministro, que o novo programa abre uma oportunidade para que o Brasil a curto pra-

zo retome o crescimento econômico com estabilidade. No programa do governo Itamar Franco, segundo Resende, quem perdeu quando ele é comparado ao orçamento de 1992 foram as despesas de custeio. As empresas estatais terão de cortar 10% de suas despesas de custeio.

Resende informou ainda que o programa opera com a idéia de um superávit primário de 4% do Produto Interno Bruto, o suficiente para o pagamento dos juros das dívidas interna e externa. O resultado operacional será igual a zero.

Finalmente, o ministro da Fazenda reafirmou que espera concluir a atual fase de negociação sobre as escolhas dos bancos credores no cardápio de opções do Plano Brady do País em sessenta a noventa dias, talvez menos. Em relação à compra de garantias, reiterou que o governo brasileiro não pretende adquiri-las apenas com recursos de suas reservas, mas quer a participação também das instituições multilaterais.